



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

ÁS URNAS, IRMÃOS!

Marcos Roberto Inhauser

Assistimos nos últimos meses ao festival da mesmice protagonizado pelas eternas e repetitivas promessas dos candidatos. Alguns inovaram dizendo não se tratar de promessa, mas de compromisso. Outros prometeram que não prometiam nada. E de blá-blá-blá em blá-blá-blá fomos sendo “informados” dos programas de ação dos candidatos, que tinham mais de empulhação que de ação.

Já escrevi em coluna anterior que não acredito na democracia via marketing, porque as toneladas de papel e os milhões em propaganda dos candidatos, que custam muito mais do que os salários que porventura receberão se eleitos, serão pagos por corrupção e caixa-dois. Quanto mais propaganda um candidato faz, mais certeza tenho de que seu governo será corrupto, porque terá que devolver os financiamentos que recebeu.

Para não ficar de lado, os candidatos evangélicos também repetiram velhas fórmulas, com algum cosmético de modernidade. O célebre bordão “irmão vota em irmão” veio novamente trazido por candidato evangélico que distribuiu carta aos possíveis eleitores citando texto de Deuteronômio 17:14 e 15: “*Quando entrares na terra que te dá o Senhor, teu Deus, e a possuíres, e nela habitares, e disseres: Estabelecerei sobre mim um rei, como todas as nações que se acham em redor de mim, estabelecerás, com efeito, sobre ti como rei aquele que o SENHOR, teu Deus, escolher; homem estranho, que não seja dentre os teus irmãos, não estabelecerás sobre ti, e sim um dentre eles.*” Baseado neste versículo, orientava os irmãos a votar nele, “verdadeiro homem de Deus” e negava a possibilidade de que cristão (na visão fundamentalista do missivista se deve entender como evangélico) não pode votar em quem não seja de sua religião.

Ocorre que o próprio missivista é coligado em partido cujo candidato a prefeito não é evangélico e para ele pede votos, o que contraria o texto que envia, pedindo que não constituam rei que não do povo (vide evangélico). Este é um exemplo de uso indevido e de má fé do texto bíblico: serve para promover o interesse próprio.

Por outro lado, em um templo batista, neste final de semana, um pastor afirmou que o Senhor lhe havia revelado que o vereador tal era o escolhido por Deus e que se os membros da igreja já tivessem seu candidato, deveriam mudar o voto e votar no que ele estava indicando. Pediu que os membros da Igreja pegassem santinhos do candidato “evangélico” e entregassem aos seus familiares, pois ele queria três mil votos da comunidade para o seu candidato.

Que me perdoem, mas as minhas heresias e ortodoxias não engolem este engodo travestido de revelação divina, nem esta deturpação do texto bíblico. De herege já me chamaram mais de uma vez. Mas não quero nunca ser chamado de enganador político-partidário. Não aguento político evangélico que usa de sua condição para buscar votos como “vereador pastor”. Não aguento político que só se lembra dos pastores em época de eleição e os convida para jantares e cafés-da-manhã, como se uma refeição comprasse centenas de votos. E verdade seja dita: o PT é, na minha experiência o único partido que me chamou e a outros pastores para diversas reuniões de avaliação da administração, nas quais tive liberdade de falar o que pensava e que nem sempre eram palavras doces ao governo petista.